

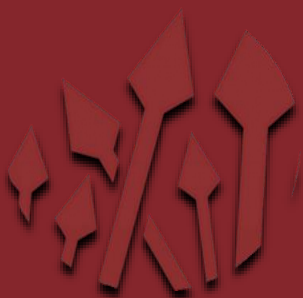
editorial

Dossiê Filosofia da Inteligência Artificial

“dos fundamentos aos impactos”

É com imensa satisfação que a *PÓLEMOS – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília* chega e celebra a publicação de seu **trigésimo número**. Desde a sua criação, em 2012, este periódico nasce de uma inquietação fundamental: a necessidade de refletir criticamente acerca dos próprios fundamentos que sustentam a ideia de *comunidade acadêmica*, bem como dos critérios – muitas vezes naturalizados – que definem o que pode ou não ser reconhecido como filosófico ou científico. Em vez de reproduzir tais estruturas, o periódico propôs-se a compreendê-las desde dentro, colocando-as em questão, tensionando suas fronteiras e investigando suas pretensões de objetividade.

Trata-se, portanto, de um marco que não apenas consagra a longevidade de um projeto editorial autônomo, mas reafirma a força de um pensamento comprometido com o seu tempo – um pensamento que se exerce em constante tensão com as exigências do presente e que não teme revisitar criticamente os alicerces do *fazer filosófico*.



A título de exemplo, dentre as inúmeras etapas que compõem o processo de publicação, o duplo parecer cego jamais se restringiu, no âmbito deste periódico, a um simples protocolo administrativo: ele tornou-se, antes, um espaço privilegiado para a problematização dos próprios critérios de validação da objetividade. Revelou-se, assim e, ao mesmo tempo, como um dispositivo formativo – ao convidar ao diálogo, à revisão – e como um experimento ético de *leitura atenta* e a abertura ao outro.

Neste sentido, ao longo de um percurso continuamente atravessado pela *tensão* – entre norma e crítica, acadêmica, política, etc. – entre os mecanismos de autorreferência da academia e a abertura a perspectivas externas e heterogêneas, a *PÓLEMO*s consolidou-se como este espaço. Não se limitou à difusão de produções filosóficas, mas comprometeu-se com a promoção de um pensamento rigoroso, atento às transformações do presente e

disposto a colocar-se em confronto com os próprios limites da tradição.

Ao longo de suas *edições*, firmou-se como espaço de elaboração crítica e plural, tematizando desde o questionamento ao conceito tradicional de comunidade acadêmica (n. 1¹), até o engajamento com um diálogo aberto à diversidade de vozes e perspectivas (n. 2², n. 6³, n. 16⁴, n. 21⁵). Consolidou-se também como instância que valoriza a participação ativa e crítica de estudantes na produção do saber filosófico (n. 3⁶, n. 13⁷, n. 22⁸, n. 23⁹), sem jamais abrir mão do rigor acadêmico e da busca por originalidade (n. 4¹⁰, n. 12¹¹, n. 14¹², n. 24¹³).

Diversos números ainda se voltaram a questões contemporâneas em diálogo com a tradição filosófica (n. 5¹⁴, n. 15¹⁵, n. 25¹⁶), à experimentação interdisciplinar e à interlocução com outros campos do saber (n.

¹ Cf. Volume 01, número 01 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/1036>

² Cf. Volume 01, número 02 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/1037>

³ Cf. Volume 03, número 06 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/1041>

⁴ Cf. Volume 08, número 16 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/1740>

⁵ Cf. Volume 10, número 21 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/2380>

⁶ Cf. Volume 02, número 03 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/1038>

⁷ Cf. Volume 07, número 13 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/1143>

⁸ Cf. Volume 11, número 22 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/2466>

⁹ Cf. Volume 11, número 23 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/2527>

¹⁰ Cf. Volume 02, número 04 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/1039>

¹¹ Cf. Volume 06, número 12 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/1046>

¹² Cf. Volume 07, número 14 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/1401>

¹³ Cf. Volume 11, número 24 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/2605>

¹⁴ Cf. Volume 03, número 05 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/1040>

¹⁵ Cf. Volume 08, número 15 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/1402>

¹⁶ Cf. Volume 12, número 25 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/2713>

7¹⁷, n. 17¹⁸, n. 27¹⁹, n. 29²⁰) e à reflexão sobre o papel social e cultural da filosofia (n. 8²¹, n. 18²², n. 28²³). Em momentos comemorativos, a revista também soube voltar-se sobre si, refletindo sobre sua própria trajetória e os desafios enfrentados, reafirmando, assim, seu compromisso com uma prática filosófica viva e academicamente engajada (n. 9 e 10²⁴, n. 19²⁵).

É sob esse espírito inquieto e crítico que a revista chega ao seu 30º número, voltando-se a um fenômeno que, na atualidade, impõe-se como um dos mais incontornáveis desafios ao pensamento filosófico: a inteligência artificial (IA).

Raros são os fenômenos que, em tão pouco tempo, capturaram a atenção pública com tamanha intensidade e ressonância quanto o advento das novas ferramentas de inteligências artificiais. A recente *primavera* da IA – impulsionada pelos avanços em aprendizado de máquina e redes neurais profundas – fez emergir um ecossistema de ferramentas que reconfiguram profundamente nossa relação com a linguagem, a imagem, o conhecimento e o trabalho: dos grandes modelos linguísticos

como o *GPT* às IAs generativas como *Dall-E*, *Midjourney*, *Suno* e *Sora*. Se já em 1969 o pioneiro John McCarthy apontava a importância de ouvir o que a comunidade filosófica tinha a dizer sobre o tema, hoje essa escuta se tornou não apenas necessária, mas urgente: não apenas para repensar os fundamentos conceituais da inteligência, da consciência e da agência, mas sobretudo para enfrentar os *impactos éticos, políticos e sociais* que essas tecnologias impõem à *condição humana*.

Os textos reunidos neste dossiê refletem, em sua diversidade, a multiplicidade de caminhos pelos quais a filosofia *pode* – e *deve* – interrogar a inteligência artificial. **Pablo Benevides**, da Universidade Federal do Ceará, inaugura a seção de artigos com uma análise contundente sobre os novos *regimes de produção da verdade no ambiente digital*, articulando os conceitos de *Big-Data*, bolha de filtros e neopopulismo algorítmico em uma proposta tecnofilosófica que revela os mecanismos contemporâneos de construção do real. Na sequência, **Lucas Rodrigues** e **Adriana Mocinho**, ambos do Centro

¹⁷ Cf. Volume 04, número 07 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/1042>.

¹⁸ Cf. Volume 09, número 17 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/1953>.

¹⁹ Cf. Volume 12, número 27 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/2800>.

²⁰ Cf. Volume 13, número 29 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/3100>.

²¹ Cf. Volume 04, número 08 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/1043>.

²² Cf. Volume 09, número 18 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/2063>.

²³ Cf. Volume 13, número 28 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/3093>.

²⁴ Cf. Volume 05, número 09-10 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/1044>.

²⁵ Cf. Volume 10, número 19 - <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/issue/view/2208>.

Universitário Jorge Amado, enfrentam com rigor o fenômeno dos *discursos de ódio nas redes*, examinando seus efeitos deletérios sobre os fundamentos normativos da democracia constitucional e sobre a própria possibilidade de um espaço público plural e inclusivo.

Simone Cassiano e Jefferson Martins Cassiano, ambos da Universidade de Brasília, propõem uma investigação filosófica sobre o chamado *problema do alinhamento*, focalizando os dilemas éticos que emergem quando se atribui agência moral a sistemas artificiais. A questão central – se máquinas podem ser moralmente responsáveis por suas decisões – é examinada à luz da distinção entre simulação e autenticidade moral. Na mesma direção crítica, **Maurício Cavalcante Rios**, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, aprofunda essa reflexão ao indagar se a atuação moral das IAs configura, de fato, uma responsabilidade ética genuína ou se permanece como uma performance algorítmica desprovida de interioridade moral, lançando luz sobre os *limites conceituais da responsabilidade* em contextos tecnicamente mediados.

Kleyber Porto, da Universidade de Brasília, dedica-se a uma investigação filosófica do fenômeno do antropomorfismo na inteligência artificial conversacional. A partir de um confronto entre as visões contrastantes de John Searle e Daniel Dennett, o autor problematiza

os limites conceituais da *consciência artificial*, interrogando se a simulação de traços humanos pela máquina poderia, de fato, corresponder a uma forma autêntica de subjetividade. Em outra direção, mas igualmente atenta aos efeitos do antropomorfismo, **Leandro da Silva Bertoncello**, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, ancorado na *fenomenologia realista de Dietrich von Hildebrand*, propõe uma análise crítica das implicações éticas e afetivas desse fenômeno. Sua reflexão aponta para uma possível *atrofia da vida emocional humana diante da vinculação afetiva com entidades artificiais*, alertando para o esvaziamento da alteridade e para o risco de uma erosão da vida moral na era das inteligências simuladas

Gabriel de Albuquerque Barbosa Baumann, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, questiona os fundamentos epistemológicos e ontológicos subjacentes aos *testes de linguagem aplicados na identificação da inteligência*, expondo as fragilidades conceituais que tais testes carregam e apontando para o risco filosófico do solipsismo – especialmente quando se pressupõe que a inteligibilidade do outro depende da semelhança com a própria racionalidade humana. Encerrando a seção de artigos recebidos para este dossiê, **Isabel Medeiros Muller**, da Universidade de Brasília, investiga as interseções entre *educação e inteligência artificial à luz da filosofia da técnica*

de *Gilbert Simondon*. Sua análise propõe uma via de superação tanto da tecnofobia quanto da tecnocracia, ao defender uma relação mais consciente, crítica e cooperativa entre humanos e máquinas no contexto educacional contemporâneo.

Este número oferece ainda uma série de ensaios que ampliam e aprofundam o horizonte do debate proposto, abordando a inteligência artificial e suas mediações com a cultura, a política e a subjetividade. *Israel Simplicio Torres*, da Universidade Federal do Piauí, amparado na obra de Byung-Chul Han, examina os *mecanismos da psicopolítica digital*, mostrando como o poder, agora exercido de forma difusa e sedutora, dissolve a esfera pública e enfraquece os fundamentos da democracia deliberativa. A vigilância e o controle não se impõem mais pela coerção, mas pela performance da liberdade. Já *Renato Batista Roman*, Universidade Federal do ABC, lança mão da metáfora da *cegueira branca*, evocada por José Saramago, para refletir criticamente sobre os *efeitos dessubjetivantes das redes sociais*, nas quais a ausência de alteridade, o anonimato e a liquidez dos vínculos favorecem a alienação ética e o esvaziamento do laço social.

Francisco da Silva, da Universidade Federal do Ceará, propõe uma reflexão incisiva sobre a crescente *artificialidade da existência contemporânea*, interrogando os contornos do humano em tempos marcados pela expansão

das inteligências artificiais e pela intensificação de processos de desumanização. A partir do confronto com autores como Luciano Floridi, Stuart Russell e Achille Mbembe, o autor problematiza a naturalização da técnica e a sua imbricação com lógicas de exclusão. Já *Martha Ribeiro*, da Universidade de Brasília, examina os *desafios éticos implicados nos avanços da IA à luz da filosofia da tecnologia*, mobilizando as contribuições de Mark Coeckelbergh e Andrew Feenberg para pensar as condições de possibilidade de uma convivência mais justa, crítica e reflexiva entre humanos e máquinas.

Na seção Resenhas, *Pablo Vinícius Dias Siqueira*, da Universidade Federal de Minas Gerais, apresenta uma reflexão crítica e dialógica sobre o livro *Mundo em disputa: design de mundo e distopia naturalizada*, de *Marcia Tiburi*, destacando seus conceitos centrais, como o *patriirracial capitalista*, que iluminam a atual conjuntura social e política. Já *Wesley Miranda de Almeida*, da Universidade de Brasília, aborda o livro *Colonialismo Digital: Por Uma Crítica Hacker-Fanoniana*, de *Deivison Faustino* e *Walter Lippold*, ressaltando como os autores desvendam as relações entre *tecnologia, colonialidade e capitalismo*, propondo uma *crítica emancipatória* à tecnologia digital contemporânea.

Na seção de Entrevistas, *Priscila Rufinoni* e *Wesley Miranda de Almeida*, ambos da Universidade de Brasília, dialogam com o professor *Deivison Faustino*, aprofundando as reflexões sobre a *filosofia da inteligência artificial sob o prisma do colonialismo digital*. Na entrevista, discute-se como a inteligência artificial não apenas perpetua estruturas históricas de dominação, mas também intensifica dilemas contemporâneos como o desemprego, o adoecimento psíquico e a manipulação da subjetividade em um contexto paradoxalmente marcado pela aceleração tecnológica e persistência de relações coloniais. As provocações levantadas apontam para a urgência de buscar alternativas capazes de *hackear* a lógica dominante, desvelando as contradições e violências embutidas na aparente *neutralidade tecnológica*.

Quase encerrando o presente dossiê, a seção Pensar por Imagens, Felipe Assunção Martins, da Universidade de Brasília, oferece uma instigante reflexão visual sobre a *crise da excepcionalidade humana frente à emergência da inteligência artificial*. Inspirado pelas obras tardias de *Mira Schendel*, Martins apresenta uma composição abstrato-conceitual que evita qualquer centralidade figurativa, representando graficamente o colapso silencioso e espectral das estruturas filosóficas tradicionais que situam o humano no centro da ontologia. O vazio e os traços fragmentados simbolizam não apenas uma crítica à centralidade antropocêntrica, mas também um

convite filosófico à reflexão sobre a coexistência ontológica com inteligências não-humanas, deslocando radicalmente o olhar e o pensamento.

Junto à seção Pensar por Imagens, a seção de Práticas Pedagógicas desta edição apresenta uma seleção de trabalhos desenvolvidos por estudantes do 3º Ano do Ensino Médio da Escola Estadual Joaquim Murtinho (Campo Grande – MS), sob orientação do Professor Luciano Magalhães Alves. A partir da leitura da *Alegoria da Caverna*, de Platão, em interlocução com os comentários de Martin Heidegger em *Ser e Verdade*, os e as estudantes dos terceiros anos realizaram uma atividade filosófico-pedagógica que consistia na reinterpretação visual dos sentidos da alegoria à luz das experiências do presente. Cada estudante elaborou, individualmente, um *prompt* destinado a uma ferramenta de inteligência artificial generativa de imagens, mobilizando as tensões entre verdade e aparência, técnica e desvelamento.

O resultado desse exercício é uma imagem que reinscreve a alegoria da caverna em um contexto marcado pela mediação digital: sombras projetadas não mais por um fogo, mas por dispositivos, telas e algoritmos que estruturam novas formas de visibilidade e ocultamento. Nesse gesto, a atividade pedagógica se converte em experiência filosófica — no sentido benjaminiano da palavra —, em que pensar é também

interromper o fluxo do dado, abrir frestas no automatismo perceptivo e recolocar, sensivelmente, a questão do verdadeiro.

Nessa medida, com este dossiê, propomos contribuir para a construção do debate acerca da *inteligência artificial* – não como um objeto técnico isolado, mas como um *fenômeno* que convoca a Filosofia. Ao reunir as diversas pesquisas que atravessam os mais variados campos do conhecimento, este número busca iluminar os dilemas e ambivalências que a IA impõe, os desafios que ela lança ao pensamento e à vida em comum.

A imagem de *capa* desta edição foi criada por *Érica Araújo*, estudante da graduação em Filosofia da Universidade de Brasília. Intitulada **ThePlane Palimpsesto** (2025), a obra foi elaborada por meio de colagem, operando sobre a justaposição de camadas visuais que evocam o próprio gesto filosófico. A escolha da técnica – o palimpsesto – não é apenas formal: ela expressa a ideia de que todo pensamento se inscreve sobre vestígios, sobre marcas prévias, sobre rastros que jamais se apagam por completo. Em diálogo sutil com o tema da inteligência artificial e das mediações técnicas do visível, a imagem tensiona o limite entre o legível e o residual, entre o que aparece e o que permanece oculto – como que reiterando, em sua visualidade, o gesto filosófico de desvelamento.

Gostaríamos de expressar nossa mais sincera gratidão a todas as *editoras* e a todos os *editores* que, ao longo desses anos, assumiram, voluntariamente, com coragem o desafio de manter viva a proposta editorial da *PÓLEMOS - Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília*. Este espaço coletivo – que é, ao mesmo tempo, gesto de pensamento e de criação – só foi possível graças à dedicação, ao compromisso e à sensibilidade de cada integrante que compôs suas sucessivas equipes.

Estendemos igualmente nosso reconhecimento ao *corpo de pareceristas*, cujas leituras atentas e anonimamente generosas não apenas aprimoraram a qualidade dos textos publicados, mas também alimentaram o espírito dialógico e formativo que marca este periódico. Cada parecer, mais que um *julgamento*, foi um gesto de escuta-leitura e um chamado à reflexão, reafirmando a filosofia como prática compartilhada e inacabada.

Registramos nosso mais profundo agradecimento à professora *Priscila Rufinoni*, *editora-chefe deste periódico*, cuja presença generosa foi absolutamente decisiva para a consolidação e o amadurecimento da *PÓLEMOS*. Mais do que garantir a continuidade de um projeto editorial, sua dedicação foi na verdade uma mediação da experiência, e aqui à maneira benjaminiana: não como mera vivência fragmentada, mas

como gesto formativo. Ao longo dos anos, propôs a várias gerações de estudantes a concepção de um espaço em que a filosofia se manifesta como exercício, como uma prática de exposição da verdade que não teme refletir sobre sua própria forma. Assim como WB propunha à filosofia o desafio de pensar as condições de experiência no mundo moderno, a professora Priscila Ruffinoni nos ensinou, que editar um periódico é também participar de um processo de resgate – e [re]invenção – da experiência como tarefa e forma do pensamento.

Por fim, este dossiê temático também é fruto da colaboração entre a *PÓLEMOS* e o grupo de pesquisa *Inteligência Artificial: desafios filosóficos*, também vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília, e idealizado pelos e pelas docentes Shajara NéeHilan Bensusan, Marcos Aurélio Fernandes, Maria Cecília de Almeida e Philippe Lacour. Algumas das contribuições aqui publicadas também são frutos do *I Colóquio Internacional IA: Desafios Filosóficos*²⁶, organizado pelo grupo e realizado na Universidade de Brasília entre 12 e 14 de novembro de 2024.

Agradecemos, de modo especial, aos coorganizadores deste dossiê, **Cristian Arão** e **João Vitor Schmidt**, ambos em estágio pós-doutoral no projeto “*Inteligência Artificial: desafios filosóficos*”, cuja curadoria e presença foram essenciais para a realização desta edição.

Boa leitura!

Jade Oliveira Chaia

editora assistente

editora responsável pela edição

Cristian Arão

editor convidado

editor responsável pela edição

João Vitor Schmidt

editor convidado

editor responsável pela edição

²⁶ Cf. <https://www.iadesafiosfilosoficos.com/>.